



ALEÍZY APARECIDA BARATI DOMINGOS

**FRAGMENTAÇÕES IDENTITÁRIAS EM CONTEXTOS (PÓS)
COLONIAIS NAS LITERATURAS AFRICANAS DE AUTORIA
FEMININA**

**LAVRAS - MG
2023**

ALEÍZY APARECIDA BARATI DOMINGOS

**FRAGMENTAÇÕES IDENTITÁRIAS EM CONTEXTOS (PÓS) COLONIAIS NAS
LITERATURAS AFRICANAS DE AUTORIA FEMININA**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte de exigências do Curso de Letras - Português/Inglês, para obtenção do título de licenciada.

Prof(a). Dr(a). Larissa da Silva Lisboa Souza

**LAVRAS - MG
2023**

ALEÍZY APARECIDA BARATI DOMINGOS

**FRAGMENTAÇÕES IDENTITÁRIAS EM CONTEXTOS (PÓS) COLONIAIS NAS
LITERATURAS AFRICANAS DE AUTORIA FEMININA
IDENTITY FRAGMENTATIONS IN (POST) COLONIAL CONTEXTS IN AFRICAN
LITERATURE WRITTEN BY WOMEN**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte de exigências do Curso de Letras - Português/Inglês, para obtenção do título de licenciada.

APROVADO em

Dra. Cristiane Felipe Ribeiro de Araújo Côrtes CEFET-MG

Dra. Vivian Leme Furlan IF-Salto-SP

Profa. Dra. Larissa da Silva Lisboa Souza

Orientadora

LAVRAS - MG

2023

*À minha mãe, por ser meu maior exemplo de
força, determinação e independência.*

*Ao meu pai, por me ensinar a olhar para a
vida com mais calma, amor e paciência.*

AGRADECIMENTOS

Costumo dizer que todos que passam por nossas vidas nos ensinam algo importante, por isso seria impossível agradecer a cada um, mas deixo aqui algumas palavras como representação da minha gratidão.

Aos meus pais, minha base, obrigada pelo apoio durante toda a minha vida. Sem vocês eu não chegaria até aqui. Obrigada por estarem ao meu lado, me incentivando a ser sempre melhor. Eu amo vocês!

À minha melhor amiga, Danielly, por todo o apoio emocional nessa jornada. Você fez o peso da vida e, assim, também da faculdade, parecer mais leve. Obrigada por estar sempre pronta para me ouvir e ajudar. Eu amo você, minha gêmea de alma.

À minha dupla, Thiago, pela cumplicidade de anos, por sempre ler meus trabalhos, opinar e me incentivar a ser melhor, mesmo em meio a discussões. Sem nossa parceria a faculdade com certeza teria sido mais difícil.

À minha orientadora, Larissa Lisboa, por ter reacendido meu amor pela Literatura. Por ser o exemplo de profissional e pessoa que quero ser. Por acreditar em mim e no meu trabalho. Conhecer você fez minha jornada acadêmica muito mais feliz. Obrigada, querida!

A todos os meus ex-professores, agradeço por ensinarem com amor, compreensão e sabedoria. Em especial a Cris, a Bárbara e o Alex, meus últimos exemplos na área de Língua Portuguesa antes da graduação. Vocês contribuíram para que eu pudesse estar aqui hoje. Seus reconhecimentos, incentivos e carinhos foram imprescindíveis. Muito obrigada! E um obrigada adicional à Bárbara por acompanhar meu primeiro processo de escrita de artigo e desenvolvimento de um projeto de iniciação científica. Admiro muito você!

Além dessas pessoas fundamentais, agradeço imensamente a todos os meus amigos. Sem vocês não haveria diversão em meio às demandas da vida. Vocês são demais!

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Lavras, por me proporcionar oportunidades grandiosas de crescimento pessoal e profissional. As oportunidades de iniciação científica contribuíram grandemente para meu crescimento profissional e para o desenvolvimento de uma das minhas identidades: a de pesquisadora.

“Quando deixei de ser quem era, encontrei a mim mesma.” (Paulo Coelho)

RESUMO

A partir das perspectivas pluralizadas acerca das temáticas identitárias, as investigações nos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa passaram a girar em torno das diferentes formas de identidade visibilizadas artisticamente, demonstrando como essas se tornam elemento fundamental na compreensão dos processos coloniais e de suas heranças nos contextos contemporâneos. Assim, o presente estudo se propõe a refletir - pautado na observação de como identidades femininas, nos contextos pós-independências, carregam heranças coloniais que as fragmentam - sobre duas obras africanas de língua portuguesa e autoria feminina: *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), da moçambicana Isabela Figueiredo e *Em Essa Dama Bate Bué!* (2021), da angolana Yara Monteiro. Além disso, o estudo se propõe, também, a analisar como o espaço diaspórico é outro fator considerável nas manifestações identitárias e em suas fragmentações, se apropriando sempre da teoria pós-colonial como suporte às discussões. Embora os livros tragam perspectivas muito distintas, ambas as personagens são perpassadas pelas consequências do colonialismo - como o trânsito diaspórico - e sofrem com o reflexo desse sistema na construção das suas identidades, o que permite que um paralelo seja traçado, enfatizando essas diferenças e mostrando de que forma elas traduzem as realidades contemporâneas desses países. Assim, o objetivo geral é o estudo da temática da identidade, de forma comparada, partindo da definição teórica e perpassando pelo conceito de descentração do sujeito, no qual se perde um sentido estável de si.

Palavras-chave: Identidades. Pós-colonialismo. Perspectivas do feminino.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 IDENTIDADE E A QUESTÃO DA AUTORIA FEMININA	
2.1 - O(s) conceito(s) de identidade	11
2.2 - As identidades dentro da perspectiva de autoria feminina africana de Língua Portuguesa	13
2.3 - Isabela Figueiredo e Yara Monteiro	16
3 ISABELA, VITÓRIA E A TEMÁTICA DAS IDENTIDADES NAS OBRAS	
3.1 - Em busca de identidades	17
3.2 - O espaço como constituição de identidade	19
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	24

1. INTRODUÇÃO

A discussão acerca da temática da identidade não é algo recente nos estudos literários, no entanto, com o passar do tempo a concepção desse conceito sofreu significativas transformações. Os vieses contemporâneos passaram, então, a pluralizar a terminologia, distanciando-se da ideia que enxergava a identidade como fator de distinção entre os indivíduos (HALL, 2006).

A partir dessas perspectivas pluralizadas, as investigações nos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa passaram a girar em torno das diferentes formas de identidade visibilizadas artisticamente, demonstrando como essas se tornam elemento fundamental na compreensão dos processos coloniais e de suas heranças nos contextos contemporâneos (MATA, 2003). Com base nessa premissa, o presente estudo se propõe a apresentar duas obras africanas de língua portuguesa e de autoria feminina, a primeira delas escrita por uma moçambicana e a segunda escrita por uma angolana, a partir de estudos comparados.

Em **Caderno de Memórias Coloniais**, publicado pela primeira vez em 2009, a jornalista e professora Isabela Figueiredo apresenta ao leitor, através do gênero híbrido, uma combinação de observação pessoal, memória e ficção sobre a relação entre brancos e negros em Moçambique, antes, durante e após a Guerra da Independência (1964-1974). Além de narradora, Isabela também é a personagem principal de sua obra, que traz um retrato de seus familiares e do papel exercido por eles durante o colonialismo. Filha de portugueses que foram para Moçambique durante o período colonial, Isabela nasceu e foi criada em Moçambique, no entanto, após a conquista da independência, ainda adolescente, ela é enviada para morar com sua avó em Portugal.

Com esse processo diaspórico de mudança para a Europa enquanto “retornada”¹, a mulher inicia uma sequência de reflexões sobre a sua identidade, na tentativa de entender quem ela é e qual o seu papel no sistema no qual estava inserida até então. Durante esse ato de análise, Isabela revisita seu passado, focando a narrativa no pai - uma espécie de representação do Colonialismo -, português que contribuía com o sistema colonial e que constitui um ofuscamento à compreensão de Isabela de suas próprias identidades e de seu posicionamento em relação ao que acontecia historicamente à sua volta.

Já em **Essa Dama Bate Bué**, obra recente publicada em 2021, Yara Monteiro apresenta a trama da personagem Vitória, uma mulher nascida em Angola, mas criada em

¹ Termo usado para se referir aos portugueses, ou filhos de portugueses, que após a conquista das independências dos países africanos, retornaram à metrópole. (MENESES e GOMES, 2013)

Portugal por seus avós, e que, às vésperas do seu casamento, decide fugir para seu país de origem. Essa decisão é tomada a partir de sua história com a mãe - uma ex combatente da Guerra Civil Angolana (1975-2002) - a quem Vitória nunca realmente conheceu - e também a partir da situação a qual a personagem vivenciava em Portugal, afinal, ela estava noiva de um homem que não desejava e vivia secretamente um relacionamento amoroso com uma mulher.

Sem saber, então, se deveria de fato se casar em nome das convenções sociais e enfrentando conflitos de identidade, Vitória embarca para Angola não apenas em busca de seu passado, mas também na tentativa de compreender quem ela era no presente. Ao chegar no território angolano, a mulher descobre novas partes de si mesma à medida que vai conhecendo o país e se relacionando com personagens que a ajudam nessa busca pela mãe desaparecida e a apresentam contextos de vida completamente diferentes do que ela viveu até então.

Embora as duas obras tragam perspectivas muito distintas, ambas as personagens são perpassadas pelas consequências do colonialismo, seja na perspectiva do colonizador, representado pelo pai de Isabela, seja na perspectiva do colonizado que é ativo na militância política, simbolizado pela mãe de Vitória. Assim, o reflexo desse sistema impacta diretamente nas duas personagens e no processo de construção de suas identidades, que são, de certa forma, fragmentadas (HALL, 2006), o que permite que um paralelo entre as obras seja traçado, de modo a enfatizar essas diferenças.

A escolha temática se deu, nesse sentido, devido à relevância das questões de identidade dentro dos estudos literários e a escolha do *corpus* partiu da urgência de que mais projetos envolvendo as literaturas africanas de língua portuguesa fossem desenvolvidos. No mais, é notório que obras contemporâneas, como a de Yara Monteiro, são de interesse pela crítica atual, uma vez que dentro da esfera da autoria feminina africana de língua portuguesa até recentemente havia poucas produções em prosa com certo prestígio - com exceção das obras de Paulina Chiziane, Ana Paula Tavares e Teresa Noronha - e, conseqüentemente, poucos estudos sobre elas. O presente trabalho oferece, portanto, a possibilidade de contribuições relevantes que incorporem os estudos africanos aos estudos de gêneros.

O presente projeto tem como proposta e objetivo, portanto, o estudo da temática da identidade de forma comparada nas obras **Caderno de Memórias Coloniais** (2009) e **Essa Dama Bate Bué!** (2021) - ambas já previamente apresentadas -, buscando a observação de como as identidades femininas, nos contextos pós-independências, carregam heranças coloniais que as fragmentam. Essa observação se dará a partir da definição terminológica de

Kwame Antony Appiah (2018), perpassando pelo conceito de descentração do sujeito, no qual se perde um certo sentido estável de si mesmo (HALL, 2006) - discussão apresentada no capítulo um - e objetivando, ainda, o estudo das produções africanas contemporâneas de autoria feminina por meio dessas teorias e das formas de ambientação do contexto colonial nas narrativas literárias - discussão apresentada no capítulo dois do texto.

Com apropriação da teoria pós-colonial (BONNICI, 1998) como suporte às discussões aqui propostas, a vigente pesquisa intenta o estudo das questões identitárias a partir do viés africano e afro-diaspórico, assim como o estudo de gênero (MATA, 2003; MACEDO, 2010) nessas literaturas africanas de língua portuguesa.

2. IDENTIDADE E A QUESTÃO DA AUTORIA FEMININA

2.1 - O(s) conceito(s) de identidade

As tentativas de conceituação do termo *identidade* na sociedade atual são múltiplas e a definição do termo sofreu significativas transformações, convertendo um conceito único em novas conceituações, agora no plural. Por volta de 1950, por exemplo, a concepção de identidade buscava diferenciar os sujeitos uns dos outros, enfatizando seus contrastes de pensamento, personalidade e até mesmo de crenças, na busca, portanto, de identificá-los pelas características que os separavam e os enxergando como sujeitos unificados e, conseqüentemente, possuidores de uma identidade singular (APPIAH, 2018).

Com o avanço dos anos e a ascensão de um cenário marcado pela globalização, no entanto, diversas alterações na estrutura da sociedade e na sua forma de funcionamento foram sendo pontuadas, levando, irremediavelmente, a mudanças também nos sujeitos que existiam naquele meio, afinal, como explica Appiah, “usamos identidades para construir nossa vida” (APPIAH, 2018, p.9). Os contextos sociais do mundo contemporâneo passaram, então, a oferecer aos indivíduos mais possibilidades de identificação, sendo algumas delas contraditórias, contextuais ou até mesmo efêmeras e os próprios sujeitos sentiram a necessidade de se definir como mais do que uma única categorização identitária permitia. Assim, a crítica observou tais mudanças e passou a discutir sobre uma maior variação e extensão de ferramentas para a estruturação da existência, uma vez que a ideia de sujeito como ser integrado começava notoriamente a entrar em crise.

Nesse sentido, a noção de identidade una foi fragmentada - ainda que o conceito não tenha sido esgotado e seja imprecisamente definido até o momento - e levou ao que Stuart

Hall (2006) concebe como “descentração ou deslocamento do sujeito”. Tal conceito define, pois, essa perda de um sentido estável de si já relatada, e reforça a concepção de Appiah (2018) de que as identidades - agora já vistas como pluralizadas - são socialmente construídas, de modo que

(...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13).

E é imprescindível enfatizar essa efemeridade, pois as identidades contemporâneas funcionam como algo em processo, não sendo nunca inteiramente determinadas e carregando sempre a possibilidade de serem sustentadas ou abandonadas a qualquer momento. Ou seja, um sujeito, na modernidade tardia, vive a possibilidade de se identificar com algo ou como alguém hoje e não mais amanhã, atestando que não necessariamente mantemos uma identidade desde o nosso nascimento e que

As identificações não são, nunca, plenamente e finalmente feitas; elas são incessantemente reconstituídas e, como tal, estão sujeitas à lógica volátil da iterabilidade. Elas são aquilo que é constantemente arregimentado, consolidado, reduzido, contestado e, ocasionalmente, obrigado a capitular. (SOUTER, 1993 apud HALL, 2000, p. 130).

Além disso, os sujeitos se constroem e, portanto, as identidades se reafirmam, através da interação com o outro, de modo que, como Appiah (2018) aponta, nossa individualidade não é gerada em um vazio, mas sim esculpida, ainda que inconscientemente, pelas formas sociais disponíveis e, conseqüentemente, por nosso contato com terceiros, que desperta em nós a ânsia de sermos vistos como desejamos. Dessa forma, entendemos quem somos a partir do momento em que identificamos fora de nós mesmos - portanto, no outro - algo que nos falta, que é diferente do que temos ou somos, legitimando o princípio de que as constituições identitárias acontecem por meio da diferença e não em seu exterior.

Essas discussões atuais acerca da valorização das dessemelhanças quando se fala sobre identidade contribuem, ainda, para a emersão de problematizações no que se refere à imagem de “identidade nacional”. Tal emersão acontece porque as identidades nacionais têm uma significativa propensão a serem fortemente generificadas, deixando de lado, por exemplo, a heterogeneidade cultural e étnica dos povos que integram uma nação e reafirmando as identidades apenas da maioria que é parte das entidades de poder. Desse modo, a crise relativa

à ideia de sujeito unificado e inteiro reverbera, inevitavelmente, na idealização de uma identidade nacional, levando essa fantasia excludente ao declínio, mas garantindo que novas identidades complexas e híbridas - como as locais, regionais e comunitárias - estejam tomando o seu lugar.

No mais, Hall (2006) levanta outra hipótese de justificativa dessa hibridez das identidades contemporâneas: a Tradução. Tal conceito, de acordo com o sociólogo, descreve as identidades que transpõem os limites naturais e que representam pessoas que, independentemente da razão, tiveram de ser separadas de sua nação e que, apesar da conexão com seu lugar de origem e suas tradições, não vivem o sonho de retorno ao passado. Assim,

Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas, e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma casa em particular). (HALL, 2006, p. 88-89).

2.2 - As identidades dentro da perspectiva de autoria feminina africana de Língua Portuguesa

Nas literaturas africanas de Língua Portuguesa, embora atualmente alguns nomes femininos tenham se consagrado socialmente com certo prestígio, como Paula Tavares e Paulina Chiziane, poucas ainda são as publicações feitas por mulheres que têm notoriedade, como bem afirma Tania Macedo (2010), especialmente no âmbito da prosa. Contraditório é esse cenário, no entanto, se regressarmos ao período colonial e pontuarmos a significativa influência feminina na luta e, portanto, na conquista da libertação de seus países.

Exemplo exímio dessa atuação é a são-tomense Alda do Espírito Santo, poeta e ativista política que, mais tarde, veio a ocupar importantes cargos relacionados à educação e à cultura. Alda, entretanto, já durante o colonialismo reafirmava suas críticas à condição de exploração e violência que assolava a sociedade africana, e agredia duplamente as mulheres, como é o caso do trecho de seu ensaio “Luares de África”, publicado na revista Mensagem, em 1963:

“ (...) a Negra é um mártir. Mais do que o negro ela sente-se abaixada, comparada ao pó das estradas a olhar a entrada dos caminhos sem atingir o ponto de saída e sem ver despontar a manhã radiosa de um dia pleno

denominado - libertação - ... Ela desconhece essa palavra tão bela, que não entra no seu dicionário.”

Com a moçambicana Noémia de Sousa, o engajamento na causa da libertação também se sobrepôs às especificidades do discurso feminino. Em suas próprias manifestações, seu tom de indignação com a diferença de tratamento entre negros e brancos era notório, por exemplo. Nas palavras de Roberto Pontes (1999) apud Pereira (2007), sua poesia, assim como a de Alda do Espírito Santo, era carregada de um “tom de luta e libertação” apto a “modificar [o] comportamento coletivo, ainda que por um instante”, a exemplo de seu poema “Se quiseres me conhecer”, também publicado na Revista **Mensagem** em 1963.

Nesse sentido, tanto Alda quanto Noémia são representações de como, durante o período colonial, se buscava construir uma identidade feminina e africana que era indissociável dos ideais de luta. As duas, inclusive, se conheceram e passaram a estudar juntas, no então chamado Centro de Estudos Africanos, que tinha como objetivo

o retorno às fontes, a redescoberta do Eu africano, a reafricanização de assimilados que eles eram de facto, a tomada de consciência da total alienação, pelo facto de terem sido os pouco eleitos ‘portugalizados’ que conseguiram ultrapassar todas as barreiras e atingir a suprema etapa do ingresso nas universidades portuguesas (ROCHA, 2003, apud PEREIRA, 2007, p. 2).

As produções literárias tentavam, então, dar voz aos oprimidos, representar o africano colonizado e, por meio dessa representação, diferenciá-lo do branco colonizador. Por essa diferenciação, portanto, a determinação de uma identidade passava a ter, então, possibilidade de ser construída e ilustrada. Mas a ideia de busca por uma identidade nesse período ainda era coletiva, uma tentativa de entender o que permanecia mesmo com a opressão portuguesa e o que poderia, então, ser ressaltado como africanidade.

Após as independências - e posteriormente a uma certa consolidação das nações até então dependentes da metrópole -, a pluralidade identitária alcançou as produções africanas femininas em língua portuguesa. Tal diversidade foi representada através das identidades do feminino nas suas complexidades do contemporâneo, com multiplicidades especialmente temáticas, refletindo ora sobre o papel social da mulher, ora sobre questões históricas, mas com a liberdade de traçar caminhos particulares. Essa particularização levou, portanto, a um distanciamento da ideia inicial de identidade coletiva lançada no período colonial e consagrou autoras como Conceição Lima e Ana Paula Tavares.

A primeira, inclusive, ainda abordou em suas produções uma concepção de identidade histórica, evidente no trecho do poema “Versão de Deserto”:

[...]
a minha fome não é a maldição
do velho deus inclemente.
E todavia devora-me a cicatriz da penúltima batalha
e tenho por estigma
a memória de um longo fratricídio.
Mas estou aqui
sob este sol que alucina
a savana ao meio-dia.
Aqui, sob este toldo rasgado
onde envergo a sede dos meus ossos
e perduro sem jardim nem chuva
sem tambores nem flautas
sem espelhos,
companheira do tempo que amarra
as minhas veias ao umbigo do poço.

Não, nenhum trilho foi esquecido
e venero o profano nome do pai do meu pai.

(LIMA, 2012, p. 69-71)

Tal concepção se mostra intimamente ligada às identidades africanas construídas e reafirmadas nas primeiras produções ainda no período colonial. Afinal, o eu lírico do poema está reafirmando que não é mais o mesmo do seu passado, ou seja, não é mais um sujeito colonizado, mas que sua ancestralidade não será esquecida e permanecerá reverenciada.

Já com Ana Paula Tavares, outras perspectivas identitárias são exploradas, de modo a trazer o “eu” feminino particularizado nas suas vivências, carregado de subjetividade. É o caso do seu poema “O Mamão”, que traz a representação da sexualidade e do desejo feminino através da fruta, em uma enunciação mais erotizada:

Frágil vagina semeada

pronta, útil, semanal

Nola se alargam as sedes

no meio

cresce

insondável

o vazio...

luanda, 84

(TAVARES, 2007, p.30)

Foram essas novas perspectivas pluralizadas que permitiram, aliás, que autoras como Isabela Figueiredo e Yara Monteiro - cujas obras se destacam nesse trabalho - se revelassem mais tarde com suas produções. Afinal, embora ambas sejam autoras africanas com produção em língua portuguesa que trazem tanto a experiência histórica quanto a individual, suas perspectivas se distanciam em muitos pontos, de modo que elas são, portanto, constituintes dessa diversidade.

2.3- Isabela Figueiredo e Yara Monteiro

Nascida na antiga Lourenço Marques - atualmente nomeada Maputo - Isabela Figueiredo é filha de portugueses e retornou ao país em 1975, aos 13 anos de idade. Possui licenciatura em Línguas e Literaturas Lusófonas pela Universidade Nova de Lisboa e especialização em Estudos de Gênero pela Universidade Aberta de Lisboa, tendo atuado como jornalista e professora, além de escritora.

Seus primeiros textos foram publicados em 1983, em um suplemento do extinto *Diário de Notícias*, um deles lhe rendendo, inclusive, seu primeiro prêmio na Mostra Portuguesa de Artes e Ideias. Mas foi em 2009, com a publicação da obra **Caderno de Memórias Coloniais**, que a moçambicana se consagrou significativamente no cenário literário. Seu livro foi considerado uma das obras mais relevantes da década e em 2010 recebeu o prêmio de Melhor Livro do Ano. Em 2016, publicou **A Gorda**, seu segundo livro, considerado um dos dez melhores de 2016 e vencedor do Prêmio Literário Urbano Tavares Rodrigues em 2017. Em 2022, publicou **Um Cão no Meio do Caminho**.

Em todas as suas obras, Isabela parte, portanto, de sua história pessoal, seja para abordar a temática da identidade, de gênero, dos padrões estéticos ou das relações sociais. A autora traz, assim, um olhar sensível e crítico sobre as pessoas e as consequências de processos históricos e sociais.

Yara Nakahanda Monteiro, por sua vez, nasceu em Angola, na cidade de Huambo, em 1979 e se mudou para Portugal aos dois anos de idade. Além de licenciada em Recursos Humanos, poeta e ficcionista, é também comentarista do programa radiofônico AVENIDA MARGINAL, da RDP África e corresponsável pelo departamento de Cultura, Arte e Espetáculos do INMUNE – Instituto da Mulher Negra. Suas obras lançadas até o momento incluem o romance **Essa Dama Bate Bué!**, de 2018, o livro de poemas **Memórias, Aparições e Arritmias**, de 2021 e **Nove Contos (não) Tradicionais de Natal**, de 2022.

Embora tenha publicado três livros, foi com **Essa Dama Bate Bué!** (2018) que Yara se consagrou entre as escritoras de literatura africana em Língua Portuguesa e explorou as consequências do Colonialismo, trazendo, inclusive, similaridades sobre sua biografia para a ficção.

Em suas próprias palavras, é “tataraneta da escravidão, bisneta do casamento interracial, neta da independência e filha da diáspora”². E representa, portanto, assim como Isabela, o conceito de Tradução discutido por Hall (2009), carregando, desse modo, os traços das múltiplas culturas pelas quais foi atravessada, sem pertencer a apenas a uma casa. Ambas as autoras, embora de forma consideravelmente distinta, imprimem esse não pertencimento às suas personagens, possibilitando uma análise de como o Colonialismo é o grande propulsor desse fenômeno de desintegração.

3. ISABELA, VITÓRIA E A TEMÁTICA DAS IDENTIDADES NAS OBRAS

3.1 - Em busca de identidades

Em **Caderno de Memórias Coloniais** e **Essa Dama Bate Bué!**, Isabela e Vitória são apresentadas, respectivamente, como personagens principais das histórias. Embora o livro de Isabela Figueiredo não se enquadre na categoria de romance, como o de Yara Monteiro, ambas as autoras trazem, através da apresentação das histórias das personagens e de suas experiências, tanto perspectivas históricas quanto individuais. Essas visões, no decorrer das histórias, se misturam e particularizam as personagens, ao mesmo tempo em que retratam acontecimentos históricos tão marcantes como o colonialismo, as lutas desencadeadas por esse regime e suas consequências na conjuntura social.

² Disponível em: <<https://yaramonteiro.com>>. Acesso em: 04 de jul. de 2023.

Assim, ao conhecermos Isabela, Vitória e as vivências de ambas, tanto no passado quanto no momento das narrativas, não estamos apenas entendendo quem são essas mulheres - à medida que elas também se entendem -, mas também estamos sendo apresentados à realidade dos retornados, por meio de Isabela, e até mesmo dos assimilados, por intermédio dos avós de Vitória. As duas mulheres que contam suas histórias, embora tenham feito uma o processo contrário da outra (Isabela sai de Moçambique e retorna a Portugal, enquanto Vitória sai de Portugal para Angola), são mulheres de diáspora, ou seja, que foram deslocadas de seu país ou região de origem, voluntariamente ou não, e que não se reconhecem na sociedade portuguesa.

Em **Caderno de Memórias Coloniais**, portanto, Isabela começa a narrativa como uma criança moçambicana, filha de portugueses, que vive em Maputo alheia à necessidade de pensar sobre suas identidades, como ela mesma, já adulta, anuncia na seção “Palavras prévias”:

No princípio eu era de carne e estava na terra. Começou assim. Não pensei em mim como rapariga nem como branca nem como rica ou pobre. Não pensei porque não era preciso. Eu era de carne e estava na terra.” (FIGUEIREDO, 2009, p. 7).

Isabela, então, narra sua rotina da infância até a adolescência, período em que viveu sempre sob a proteção do pai - figura que é, na obra, um representante colonialista. Esse ato de contar suas vivências é um recurso que a narradora usa para se entender, ficcionalizando suas memórias e a figura de seu pai revisitando o passado, mostrando que esse homem, apesar de ter compactuado cruelmente com o funcionamento do sistema colonial, mostrava à filha uma outra face, que, embora imponente, era alguém por quem a menina nutria grande admiração.

Com Vitória, protagonista de **Essa Dama Bate Bué!**, a ficcionalização também é um recurso usado, dessa vez, para se entender a partir da mãe. A menina nunca conheceu a progenitora e, por lidar com o desconhecido, cria uma imagem de heroína e guerrilheira pelas poucas informações que possui. Essa ficcionalização é, inegavelmente, uma tentativa de justificar a ausência da mulher, ainda que o desejo por mais explicações permaneça fervoroso e visível em sua ânsia por se reinventar, ou talvez, apenas ter liberdade para conhecer suas outras identidades:

“A minha primeira memória é uma árvore; a segunda, uma onda. Sem sombra, voo por entre as raízes que sustentam o fundo do mar. Não existo antes daquele momento, nem existo para além dele. São imagens que irrompem nos meus sonhos e atemorizam o meu sono.

De quando em quando, o aroma intenso a leite azedo aflora. Junta-se a ele o gosto a suor salgado que sobrevive na minha língua. Parte de mim conforta-se nessas sensações. A outra parte inquieta-se no vazio de ser só isso tudo o que tenho de recordação da minha mãe. A verdade mais íntima é não a poder reclamar como sendo minha. Sei-o. Rosa Chitula, minha mãe, mais do que a mim, amou Angola e por ela combateu.” (MONTEIRO, 2018, p. 9).

Assim, nas obras, o processo de querer se entender e de buscar suas outras identidades vividas pelas jovens é originado, para além da diáspora, pelas ausências das figuras paterna e materna e o vazio deixado por elas. Ainda que manifestadas de maneiras diferentes, é na falta de seu pai que Isabela sente a necessidade de repensar seu papel social, assim como Vitória que, na falta da mãe experienciada ao longo de toda a sua vida, entra em crise com relação à ideia que todos têm sobre ela:

“[...] ninguém esqueceu Angola, não esqueceram a mãe e queriam que eu não quisesse saber da minha, é tão mau sentir-me sombra de uma identidade, uma língua cortada, por isso devo ter começado a falar tão tarde.” (MONTEIRO, 2018, p. 59)

“Queria, como uma criminoso de guerra, voltar costas a toda aquela esquizofrenia que não me permitia ser legitimamente quem eu era nem viver com o que eles eram. Precisava de uma identidade. De uma gramática, Melhor, de poder mostrá-las sem medo. Sou isto, pronto, sou isto, assim, agora, olhem, arranjem-se” (FIGUEIREDO, 2009, p. 124-125)

Embora a ânsia por querer se encontrar e se redescobrir seja iniciada pelo vazio deixado na ausência das figuras familiares, é somente a partir da mudança de espaço que elas começam a, de fato, se encontrarem e se reconhecerem como sujeitos em construção e constante mudança, conscientes de suas identidades, como veremos.

3.2 - O espaço como constituição de identidade

Nas narrativas, espaço, tempo e sujeito encontram-se imbricados por interações complexas, transformando e sendo transformados por elas, como aponta Braga (2016). Nas obras estudadas, o espaço carece de ser entendido por meio de uma perspectiva pós-colonial, ou seja, é preciso compreendê-lo sempre dentro das rasuras do Colonialismo, dentro dos conflitos gerados durante esse sistema e também após as conquistas pelas independências.

Assim, os ambientes das narrativas refletem, inconfundivelmente, as problemáticas sociais e a geografia passa, portanto, a interferir na história e nas pessoas que vivem essa história. Mas é importante a compreensão de que “a influência do lugar de origem constitui somente um entre vários aspectos da condição diaspórica.” (BRAGA; GONÇALVES, p. 41, 2014). Embora Braga e Gonçalves (2014) discorram sobre uma análise da diáspora em literaturas de língua inglesa, é exequível a apropriação dessa bibliografia também em algumas literaturas africanas de língua portuguesa, visto que similar influência do espaço na apresentação dos personagens é notada em ambas.

Nesse sentido, a exemplo das personagens principais dos livros em questão, tanto a necessidade do trânsito diaspórico de Isabela em um movimento de sair de Moçambique rumo a Portugal, quanto do de Vitória, já adulta, de sair de Portugal para Angola, são heranças coloniais que impactam significativamente, a relação das mulheres com o espaço e com suas vivências e identidades.

Em **Caderno de Memórias Coloniais**, por exemplo, Isabela já mostra, enquanto espera o voo que a levará para Lisboa - sua casa a partir dali -, a consciência de que, com a mudança iminente, ela se tornará fragmentada, dividida entre a colônia e a metrópole:

Já estou aqui, contudo ainda lá estou. Na verdade, todo o passado, presente e futuro ali se fundiram, naquela viagem, e eu só posso falar usando as palavras de fronteira, de transição, manchadas, duas que aí se formaram. (FIGUEIREDO, p. 128, 2009).

Essa crise, iniciada ainda na partida, intensifica-se a partir do cotidiano vivido em Lisboa. Isabela, inclusive, aborda muitas vezes essa sensação de falta e de não identificação com Portugal. Há, no livro, um episódio no qual a narradora vê, na metrópole, um rapaz fardado e com um bordado escrito “Moçambique”. A cena, além de trazer saudosismo à menina, também a faz refletir sobre a lacuna em suas identidades que a saída de Maputo gerou:

“[...] A minha atenção ficou de imediato presa àquele rapaz. Tive o impulso de o chamar e lhe dizer, olhe, desculpe, só queria dizer-lhe que eu também sou de Moçambique. Mas depois não fiz. Havia de ser ridículo. O que lhe interessaria tal coisa?! Dentro de mim haver uma terra de qual sou desterrada.” (FIGUEIREDO, p.166, 2009)

Dessa forma, com a mudança de país, Isabela se sente, nas palavras dela própria, “desterrada de uma terra”, sem raízes. A partir dessa falta não só de Moçambique, mas

também do pai, que sempre lhe foi uma presença significativa, a menina, passa, então, por meio da memória, a tentar reconstruir a figura de seu genitor não como homem colonialista, mas como pai que sempre cuidou dela, na tentativa, também, de se ver livre do peso de ser filha de um homem que contribuiu para um sistema que ela condena:

O meu corpo foi uma guerra, era uma guerra, comprou todas as guerras. O meu corpo lutava contra si, corpo-a-corpo, mas o do meu pai era dele e **valia a pena**. O seu corpo era o do outro que estava em mim, mas sem guerra. Redondo, macio, arranhado, **o corpo do meu pai dava-se ao riso, às cócegas**, ao meu corpo. (FIGUEIREDO, p. 160, 2009, grifo meu)

Durante essa reconstrução, Isabela passa a refletir, também, sobre seus papéis sociais e suas identidades, pensando na influência do pai sobre elas: “O meu pai não me arrancou ao que eu era e pensava; o meu pai não foi capaz de formar o meu pensamento. Escapei-lhe” (FIGUEIREDO, p. 145, 2009). A narrativa, portanto, oscila entre a condenação de Isabela para com algumas das atitudes do pai: “Ao longo dos anos tenho assumido a missão de proteger a personagem do meu pai da fácil e tentadora diabolização que sobre ela é possível desenhar. Percebi que me cansei de o fazer.” (FIGUEIREDO, p., 2009), e a lembrança saudosa do seu amor e cuidado com a filha. Em qualquer uma dessas direções, entretanto, Isabela busca afirmar sua individualidade, a diferença dela para o homem que representava todo um sistema colonialista. Um exemplo disso é narrado pela menina quando ela ainda está em Portugal e percebe que aprendeu a ler:

A partir dessa tarde de sábado, embora a minha prisão física não se alterasse, e os muros e as grades de ferro continuassem altos à minha volta, em todos os lugares, tornei-me mais livre.
[...]
Foi quando, devagar, comecei a tornar-me a pior inimiga do meu pai. A inimiga lá dentro, calada. Que vê, e escuta e nem pediu autorização. Foi quando comecei a tornar-me a toupeira.
Só muitos anos mais tarde, muitos, muitos, compreendi que saber ler, o acesso a essa chave para descodificação do segredo, me transformara, contra todas as vontades, na toupeira que lhes havia de roer todas as raízes, devagar, uma de cada vez, até restar pó.
(FIGUEIREDO, p., 2009)

Isabela, a partir desse relato, sobre quando ainda era uma menina, mostra que suas ideias a separariam de sua família e já previa suas novas identidades que seriam formadas.

Sentimento parecido de não pertencimento é retratado por Vitória em **Essa Dama Bate Bué!**. Diferente de Isabela, que descobre novas identidades ao chegar em Portugal, Vitória se sente perdida, arrancada de suas raízes, que foram, em um ritual pouco antes de

saírem de Luanda, praticamente tiradas da menina: “- Ainda é semente. Não cresceu na terra. Lá onde vão, mergulhem a criança na água. Vai acordar um novo espírito”. (MONTEIRO, p. 19, 2021). Mas, como a própria protagonista ouve mais tarde já em Angola: “Luanda é como uma mulher complicada [...] É uma mulher complicada que não se esquece. De uma maneira ou de outra, queremos sempre voltar.” (MONTEIRO, p. 107, 2021). Assim, apesar da tentativa de apagamento de suas origens, Vitória vivia sua vida em Portugal com a sensação de que não conhecia suas identidades, na urgência de ir em busca da mãe e do que lhe fora privado na infância, na tentativa de se encontrar: “ninguém esqueceu Angola, não esqueceram a mãe e queriam que eu não quisesse saber da minha, é tão mau sentir-me sombra de uma identidade” (MONTEIRO, p. 59, 2021).

Como Lefebvre (2013) explica, de modo geral, espaços carregam significados, frequentemente conflitantes e contraditórios. Eles são, portanto, fragmentados, por vezes consumidos como qualquer outro produto, podendo ser reais ou imaginados. Em qualquer hipótese, o espaço sempre carrega significados sociais estampados de pluralidade. (BRAGA, p. 50, 2016).

No caso de Vitória, no entanto, esse trânsito diaspórico não resulta em uma identificação imediata, uma vez que, ao chegar em Luanda, ela sente um certo estranhamento: “sinto-me desamparada. Luanda é distinta de Lisboa e sem comparação com o idílio da vida na Malveira. Aflora em mim o sobressalto do arrependimento” (MONTEIRO, p. 39, 2021). A identificação vai começar a acontecer à medida que Vitória conhece o interior do país, e vai conhecendo as figuras que conviveram com a mãe da menina e que contam a ela suas histórias. Assim, ao chegar em Huambo, Vitória já sente a necessidade da mudança, a começar pelo cabelo: “Retira a roupa que vai vestir e a bolsa de plástico onde está a tesoura. Tranca-se na casa de banho. [...] Vitória está com cabelo curto.” (MONTEIRO, p.137, 2021) e, a partir disso, sente que inicia um novo ciclo, metaforizado pelo pássaro morto que ela vê: “O pássaro morto no parapeito também estava explicado: Vitória começava um novo ciclo.” (MONTEIRO, p.138, 2021).

Esse novo ciclo vivido pela mulher é também notado pelas personagens ao seu redor e demarcado, principalmente, pela revelação do seu outro nome:

- Mamã Ju, finalmente, como me chamo? - que Vitória saber.
Esta, que é curvada, endireita-se para conseguir chegar com as mãos à face de Vitória e responde:
- Wayula. A que venceu.
(MONTEIRO, P. 145, 2021)

À medida que vai descobrindo mais sobre a história também, que também é a história dela, Vitória vai conhecendo suas novas identidades. O desencontro com a mãe, no entanto, ainda a desorienta e a faz questionar quem ela é e o espaço a que pertence.

As dúvidas encadeiam-se umas nas outras, crescem e formam pensamentos em redemoinhos. Não sabe o que irá fazer com sua vida. Por quantos meses mais continuará à procura da mãe, vai continuar no Huambo, regressar para Luanda? Acha que está com Zé Maria, Portugal já não é para si.

Mudou. Já não é mais a mesma pessoa.

(MONTEIRO, p. 173, 2021)

Mesmo tempos depois do início de sua procura pela mãe, Vitória não perde as esperanças, todavia demonstra consciência de que sua vida seria muito mais fácil se não estivesse vivendo aquele processo:

É preciso dizer que a vida formatada ser-lhe-ia tão mais fácil. Licenciarse, arranjar um emprego, casar e ter filhos. Mas a inquietação, o desassossego e o desamparo não a deixavam dar mais um passo no destino programado de mulher. Não cabia na justeza daquela norma.

E aquele som permanente no fundo do seu ouvido. A vibração do vento num espaço vazio. O abandono. Queria acabar com ele. Tinha de encontrar a mãe.

(MONTEIRO, p. 182, 2021)

Vitória, então, mostra, mais uma vez, que não se reconhecia na sociedade portuguesa, que tinha, em seu interior, a urgência de algo, ou melhor, de alguém. A ideia de Vitória de casa, de pertencimento, portanto, se mostra ser, na verdade, uma pessoa: sua mãe. Ao entender que ela não encontrará a figura materna e que não fora, sequer, desejada, a mulher se sente desamparada, derrotada, mas entende que chegara a hora de reconstruir sua vida, abraçando suas novas identidades e a busca constante do seu lugar no mundo:

[...] Talvez seja este o momento para se render ao engano de tentar encontrar quem nunca quis ser encontrado. Reconhece que está a tropeçar na sua maior carência e a cair.

Entendendo essa nova verdade, sente-se derrotada. Não aceita porque não é o momento para desistir. Não quer mais a agonia da espera. Como se reconstrói uma casa, vai reconstruir a sua vida. [...] Não quer ficar ali. Também não é ali a sua casa.

(MONTEIRO, p. 192, 2021)

Assim, ainda que de maneiras diferentes, são essas ausências do lugar de origem e das figuras paternas e maternas, respectivamente, que levam tanto Isabela quanto Vitória a pensarem sobre como se constituem socialmente. Ou seja, as duas mulheres mergulham em

uma busca por quem são através da memória, ainda que Isabela faça isso recorrendo às suas memórias pessoais do pai e Vitória faça esse exercício com a ajuda da memória histórica, coletiva, dos angolanos que conheceram sua mãe, para que ela consiga conceber uma imagem da mulher desconhecida e, a partir disso, de suas próprias identidades.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos bibliográficos pelo viés da Teoria Pós-Colonial (BONNICI, 1998) realizados no decorrer da pesquisa, foi possível compreendermos como o regime colonialista e suas heranças históricas exercem significativa influência na percepção das identidades dos sujeitos. Esses sujeitos, dada a interferência do contexto social nessa apreensão, se sentem, então, fragmentados, como Hall (2006) explica e passam a entender a pluralidade identitária (APPIAH, 2018) como uma realidade, uma vez que a experimentam.

Nas obras selecionadas, as personagens principais, ainda que experienciando vivências distintas, conforme exposto ao longo do texto, são perpassadas pelo reflexo do colonialismo. Como uma das consequências principais desse regime, os livros apresentam o trânsito diaspórico, que é, inclusive, um dos fatores responsáveis por desencadear o início da autodescoberta das protagonistas. Aliado a isso podemos apontar, ainda, a ausência das figuras maternas e paternas, que são apontadas como uma espécie de representação tanto do regime opressor quanto da luta dos países explorados.

Assim, ainda que as obras apresentem elementos ou histórias fictícias e uma diferença de gênero que impacta nas análises, elas podem ser usadas, também, como uma representação social, uma vez que expressam situações que podem ser observadas na sociedade.

REFERÊNCIAS

APPIAH, K. A. Identidade como problema. In: JR., Brasília Sallum et al. (Org.). **Identities**. São Paulo: EdUSP, 2018.

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. Bauru: **Mimesis**, v.19, n.1, p. 07-23, 1998.

BRAGA, C. R. V. A dimensão espaço-tempo pós-colonial: passados e presentes em movimento no conto africano de Língua Inglesa. **Cerrados**, n. 41, p. 49-59, 2016.

BRAGA, C. R. V.; GONÇALVES, G. R. Diáspora, espaço e literatura: alguns caminhos teóricos. **Revista Trama**, v. 10, n. 19, p. 37-47, 2014.

FIGUEIREDO, I. **Caderno de Memórias Coloniais**. São Paulo: Todavia, 2018.

HALL, S. A identidade em questão. *In: A identidade cultural da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006, p. 7-97.

HALL, S. Quem precisa de identidade?. *In: SILVA, T. T. da. (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.

LIMA, C. Versão de deserto. *In: A dolorosa raiz do Micondó*. São Paulo: Geração Editorial, 2012, p. 69-71.

MACEDO, T. Da voz quase silenciada à consciência da subalternidade: a literatura de autoria feminina em países africanos de língua oficial portuguesa. **Mulemba**. Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 4-13, jan/jul 2010.

MATA, I. A condição pós-colonial das literaturas africanas de língua portuguesa: algumas diferenças e convergências e muitos lugares comuns. *In: LEÃO, Ângela Vaz (Org.). Contatos e Ressonâncias. Literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Editora PUCMINAS, p.43-72, 2003.

MENESES, M. P.; GOMES, C. Regressos? Os retornados na (des) colonização portuguesa. **As guerras de libertação e os sonhos coloniais: alianças secretas, mapas imaginados**, p. 59-107, 2013.

MONTEIRO, Y. N. **Essa Dama Bate Bué!**. São Paulo: Todavia, 2021.

PEREIRA, E. A. As (in)diferenças sociais nas vozes poéticas de Alda Espírito Santo e Noémia de Sousa. São Paulo: **Revista Crioula**, n.1, 2007.

SILVA, L. M. A. da. Antídoto e placebo em Yara Nakahanda Monteiro. Porto Alegre: **Nau Literária**, v.18, n.2, p.1-4, 2022.